

Condenados políticos vão mesmo para o presídio da Ilha Grande

A NOTICIA 30.5.69

Ao mesmo tempo em que aproximadamente 80 presos políticos, recolhidos à Penitenciária Lemos Brito, eram ouvidos por agentes do GENIMAR (Centro de Informações da Marinha) e DOPS, em depoimentos mantidos sob sigilo e visando a apurar a fuga de nove detentos daquele presídio, o Secretário de Segurança General Luis de França Oliveira, decidia transferi-los para a Ilha Grande, onde a vigilância é das mais rigorosas, a cargo da PM. «Além disso — frisou o Secretário — os peixes nos ajudam, aludindo à existência de tubarões que vivem nas águas de toda a orla daquela ilha. Referiu-se ao desmantelamento sistemático, pela Polícia, dos grupos subversivos e esclareceu que duas mulheres detidas no Presídio São Judas Tadeu, por delito político, não chegam a ter contato com as demais, para que não inculcitem nas companheiras idéias subversivas.

DOPS estranha

Ontem as autoridades do DOPS manifestavam sua estranheza diante do fato de que somente agora consumada a fuga dos nove detentos da Lemos Brito, o diretor daquela Penitenciária, Sr. João Marcelo de Araújo Júnior, formulasse denúncia sobre a existência de célula extremista no presídio e também falasse de facilidades concedidas a presos políticos, que recebiam visitas, tinham suas reuniões, exerciam até funções burocráticas. Um deles — pelo que se comentou — trabalhava como auxiliar de portaria, com acesso periódico ao meio exterior.

Desmantel tudo

Apontada como implicada na fuga dos nove presidiários, a assistente social Katia do Prado Valadarez apresentou-se no DOPS para denunciar as versões que circularam sobre sua participação no plano subversivo. O pai de Katia anteriormente se comunicara com o DOPS, negando que a filha houvesse tomado parte ao sucedido, e apenas estivera presente a reuniões políticas anteriores à Revolução, tanto que se exilou no México e desde sua volta daquele país, não estava no ambiente antigo, dedicando-se somente a assuntos pessoais.

Comentava-se, ontem, no DOPS, que será instaurado um novo inquérito visando a apurar todas as responsabilidades pelos fatos que ocorreram na Penitenciária Lemos Brito, em particular sobre as facilidades que ali se concedia a presos políticos.

Mudança de hospital

Jorge Félix Barbosa, o guarda da penitenciária ferido durante a fuga de nove detentos, foi em transferência para o Hospital Silvestre, deixando seu quarto no Hospital Sousa Aguiar. João Dias Ferreira, funcionário da Light que recebeu tiros no momento da escapada dos presidiários, também foi transferido, mas para a Casa de Saúde Santa Teresinha. Embora esteja fora de perigo de vida, João continua com uma bala alojada no abdome e será operado breve.

João Dias Pereira conversou com a reportagem de A NOTICIA e contou o seguinte: passava

pela Rua Frei Caneca no momento mesmo em que os presidiários escapavam, notando que três homens saíam correndo pelo portão principal do presídio em direção de um carro «Volks», estacionado mais adiante. O veículo rumou para a Rua Marquês de Sapucaí e quando houve perseguição, os seus ocupantes abriram fogo contra os guardas da Lemos Brito. Com muito medo, João conta que procurou refúgio atrás de um poste, mas não pôde evitar os tiros e só recuperou os sentidos no hospital. Declarou não saber se os homens que fugiam estavam de terço completo ou com roupa de presidiários, mas viu que todos corriam desorientados, como se não soubessem que rumo tomar. Lembra-se de ter ouvido os que estavam no «Volks» gritarem alto: «E aqui!» e foi no justo momento em que procurava embargar-se atrás do poste que se viu desfalcar-se e desfaleceu.

Refutou acusações

A Professora Erica Bayer in Roth ex-assistente social na Penitenciária Lemos Brito, foi localizada pela reportagem de A NOTICIA, ontem, e refutou, de pronto, as acusações contra ela assacadas de que teria colaborado na fuga. Informou que pretende manter contato com o Sr. Antônio Vicente, Superintendente do Sistema Penitenciário, e com o próprio Secretário de Segurança para saber da fonte das notícias que envolveram seu nome. Relatou que há mais de oito meses está afastada daquele setor de trabalho e atualmente embora ligada ao sistema penitenciário, trabalha em local diverso.

Até que tudo seja esclarecido, Erica não voltará a falar à imprensa. Não nega conhecer Leda Viegas e Katia Prado Valadarez, ambas apontadas como colaboradoras da fuga. Por seu turno, o industrial Almandrê Rocha, marido da professora, demonstrou decepção diante do noticiário em relação à sua esposa, Erica referiu-se ao que conseguiu, em termos de melhoramentos internos, durante sua gestão na Lemos Brito, tendo trabalhado lá de 67 a 68. Também achou graça ao saber-se apontada como organizadora de uma célula comunista daquele presídio intitulada «Encouraçado Potemkin».

Declaração formal

Antes de suas despedidas, a professora entregou a este jornal, para publicação, a seguinte declaração, que assinou e deu em presença da reportagem: «Solicitado a este conceituado jornal desmentir as notícias publicadas referentes à minha pessoa, por repeli-las com a maior energia e repulsa, em virtude de serem inverídicas, caluniosas e visivelmente impregnadas de má-fé, que só posso atribuir à falta de idoneidade da fonte que as divulgou. Por isto não merecem crédito e estou certa de que os fatos dos próximos dias esclarecerão inteiramente a verdade».

Pista segura

Autoridades do DOPS estão certas de que a prisão de Marco Antônio de Azevedo Méier e Fausto Machado Freire, após o roubo frustrado,

à mão armada, do «Aero Willys» placa GB 23-44-38 diante do número 418, na Rua Nascimento Silva, e a fuga espetacular pelo Viaduto de Mangueira, após tiroteio, deu começo a um processo de levantamento seguro de bem organizada quadrilha de assaltantes com ligações a outros de ação subversiva. O roubo do veículo era uma espécie de treino para o que se convencionou chamar de «guerrilha urbana», já em andamento.

Cortina de fumaça

As mesmas autoridades esclareceram ao longo das investigações, que Marco Antônio de Azevedo Méier valia-se da condição de estudante, exibindo carteira do gênero, para consumir sua missão subversiva, o mesmo ocorrendo no setor artístico em relação ao que praticava seu companheiro Fausto Machado Freire. Era a cortina de fumaça com que ambos podiam circular à vontade. Provou-se que os dois recebiam mais de 40 cruzeiros novos, cada um, todas as semanas, pelos serviços prestados ao grupo de que faziam parte. Atendado Marco Antônio pelo nome de guerra de «Lima», Fausto era chamado de «Wilson».

Ação em Minas

Ligado a «Coluna de Libertação Nacional» (COLINA) estava Marco Antônio, e Fausto era integrante do «Movimento de Libertação Operária» (POLOP) e nos últimos tempos atuavam em Minas Gerais, principalmente em áreas de Belo Horizonte e designados pela cúpula subversiva. Há um inquérito instaurado pela Polícia Militar mineira contra «Wilson» e tem ligação com a sua participação em diversos assaltos a bancos de capital daquele Estado. O DOPS já sabe que, no Rio de Janeiro, tomou parte no frustrado assalto a uma agência do Banco do Estado da Guanabara e no roubo de um veículo que foi usado para o assalto ao Banco Ultramarino.

Missão das dois

As primeiras sindicâncias sobre os dois elementos, revelaram que Marco Antônio e Fausto eram incumbidos de apuxar carros que depois a quadrilha usava em assaltos a estabelecimentos bancários. Uma vez o veículo furtado, era entregue a um terceiro elemento, que o levava para ser camuflado no «aparelho» (local da reunião) e daí todo o plano tinha desenvolvimento cronológico. Quantias semanais eram dadas aos membros assalariados, também prêmios, por esforço maior, mas cada um ganhando de acordo com a função exercida.

Depoimento da tia

Ontem, no DOPS, prestou depoimento Erica Méier, tia de Marco Antônio de Azevedo Méier, contando que o rapaz chegara de Minas para ficar um mês em sua casa, de onde saiu a pedido dela mesma, percebendo que sua mãe, de idade avançada, que com ela reside, permanecia muito nervosa diante da atitude de Marco Antônio, sempre envolvido em lutas de estudantes. «Ele só sabia meter-se com essas coisas ligadas à subversão», concluiu Erica.